

REFLEXÕES SOBRE LETRAMENTOS E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA A PARTIR DE “QUEDA LIVRE”, BLACK MIRROR

*REFLECTIONS ON LITERATURE AND LINGUISTIC EDUCATION FROM “NOSEDIVE”, BLACK
MIRROR*

*REFLEXIONES SOBRE LITERACIDADES Y EDUCACIÓN LINGÜÍSTICA A PARTIR DE LA “CAÍDA EN
PICADA”, BLACK MIRROR*

Danielle Rosa Nunes

Mestra em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora
Coralina: sede Goiás.

<https://orcid.org/0000-0001-6755-3273>

E-mail: daniellerosao8@gmail.com

Michely Gomes Avelar

Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo.

<https://orcid.org/0000-0003-4148-5692>

E-mail: michelymg.avelar@gmail.com

RESUMO

A língua(gem) está presente nas nossas práticas digitais quando nos comunicamos por meio de imagens, emojis, memes, dentre outras possibilidades. Através delas, é possível alçar e promover a diversidade social tendo em vista uma sociedade mais justa, humana e igualitária, nos possibilitando discutir, refletir, significar e ressignificar as práticas socioculturais e linguísticas. Nesta perspectiva, este artigo é decorrente de uma análise interpretativa, considerando as nossas leituras críticas acerca das imagens e narrativas do episódio “Queda Livre” a partir das nossas vivências e do nosso modo de mundo. Para isto, nos amparamos nas perspectivas da Educação linguística, dos Letramentos críticos e dos Letramentos visuais, (FERRAZ 2011: 2014; ROJO, 2012, 2019; MIZAN, 2018; MONTE MÓR, 2019a, 2019b) para refletir sobre uma sociedade em um processo de avaliação cinco estrelas que atesta uma suposta qualidade social nas redes sociais, reforçando um padrão perfeito e ideal de vida com base nas imagens divulgadas pelos usuários dessas redes.

Palavras-chave: Educação linguística; Letramentos Visuais; Formação de professores; Queda livre; Black Mirror.

ABSTRACT

Language is present in our digital practices when we communicate through images, emojis, memes, among other possibilities. Through them, it is possible to raise and promote social diversity with a view to a more just, humane and egalitarian society, allowing us to discuss, reflect, signify and re-signify sociocultural and linguistic practices. In this perspective, this article is the result of an interpretative analysis, considering our critical interpretations about the images and narratives of the episode “Nosedive” based on our experiences and readings of the world. For this, we use the Linguistic Education, Critical Literacies and Visual Literacies’ perspectives (FERRAZ 2011: 2014; ROJO, 2012, 2019; MIZAN, 2018; MONTE MÓR, 2019a, 2019b) to reflect on a society in a five-star evaluation process that attests to a supposed social quality in social networks, reinforcing a perfect and ideal standard of life based on the images disseminated by these networks users.

Keywords: Language education; Visual Literacies; Teacher Education; Nosedive; Black Mirror

RESUMEN

El lenguaje está presente en nuestras prácticas digitales, cuando nos comunicamos a través de imágenes, emojis, memes, entre otras posibilidades. A través de ellos es posible plantear y promover la diversidad social con miras a una sociedad más justa, humana e igualitaria, permitiéndonos discutir, reflexionar, significar y resignificar prácticas socioculturales y lingüísticas. En esa perspectiva, este artículo es el resultado de un análisis interpretativo, considerando nuestras lecturas críticas sobre las imágenes y narrativas del episodio “Caída en Picada” a partir de nuestras vivencias y lecturas del mundo. Para ello, utilizamos las perspectivas de la Educación Lingüística, las Literacidades Críticas y las Literacidades Visuales, (FERRAZ 2011: 2014; ROJO, 2012, 2019; MIZAN, 2018; MONTE MÓR, 2019a, 2019b) para reflexionar sobre una sociedad en un proceso de evaluación de cinco estrellas que da fe de una supuesta calidad social en las redes sociales, reforzando un nivel de vida perfecto e ideal a partir de las imágenes difundidas por los usuarios de estas redes.

Palabras-clave: Educación Lingüística; literacidades visuales; Formación de profesores; Caída en Picada; Black Mirror

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

A língua(gem) é uma prática social perpassada por múltiplas mudanças e significações que possibilita o surgimento de diversas formas de comunicar e significar o mundo para além de conceitos linguísticos. Ela está presente nas nossas práticas digitais quando nos comunicamos por meio de imagens, *emojis*, *memes*, quando interagimos nas redes sociais, quando nos conectamos à internet para buscar informações, quando realizamos compras ou quando efetuamos um pagamento online, dentre outras possibilidades, portanto, essas práticas estão atreladas às nossas vivências e experiências. Assim, o digital se insere na forma como as pessoas se comunicam oportunizando a leitura e a escrita para além das formas tradicionais acentuando “a importância de ‘aprender’ a explorar, utilizar, questionar as novas tecnologias que são parte das mudanças socioculturais e, portanto, possibilitam também a inserção social” (AVELAR; FREITAS, 2020). Ademais, a língua(gem) pode oportunizar a promoção da diversidade social tendo em vista uma sociedade mais justa humana e igualitária, que nos leva a discutir, refletir, significar e resignificar as práticas sociais e de leitura nesse contexto.

Nesse sentido, é imprescindível destacar a relação que temos com as redes sociais e, sobretudo, acerca da diversidade de linguagens presente nesse ambiente. As redes sociais se tornaram parte da vida de muitos de nós e por meio delas podemos transmitir determinadas imagens daquilo que queremos que as pessoas saibam sobre nós. As

publicações na rede possuem grandes impactos em nossas vidas e influenciam uma grande proporção de seus usuários. Assim, podemos perceber a necessidade dos letramentos visuais e críticos, no intuito de expandir perspectivas e visões de mundo, problematizando e refletindo por meio das imagens que circulam nas redes outros modos de ler e construir sentidos rompendo estereótipos e heterogeneidades, questionando ideias generalizantes e compreendendo as diversidades.

O aspecto metodológico que conduz esse estudo é decorrente de uma análise interpretativa, considerando as nossas leituras críticas acerca das imagens e narrativas da série, as nossas vivências e a nossa maneira de ler o de mundo. Ademais, destacamos que para promover discussões, problematizações e desconstrução de imagens que circulam como verdades nas mídias, é importante que tenhamos uma visão crítica diante das linguagens e das “verdades” que circulam nas mídias sociais. Monte Mór (2019a) ressalta sobre a relevância de promover um ensino que vise a formação crítica e integral para além dos conteúdos estigmatizados ensinados na escola e na universidade. Tanto o aluno quanto o professor devem estar atentos às questões de desigualdade presentes na sociedade e, também, ter um olhar crítico diante das “verdades” impostas sobre determinado tema ou conteúdo. Desta forma, promover problematizações e discussões torna-se um fator primordial na luta contra as desigualdades sociais.

Nesse estudo, discutimos sobre uma sociedade em um processo de avaliação de cinco estrelas, que busca constantemente aprovação social usando o meio digital na tentativa de conquistar *status* e popularidade nas redes sociais e que busca mostrar um padrão perfeito e ideal de vida baseado em postagens. Vale destacar que nem sempre essas imagens representam fielmente a realidade daqueles que as divulgam.

Nos pautamos teoricamente nas perspectivas da Educação linguística crítica, dos Letramentos críticos e dos Letramentos visuais, (FERRAZ 2011: 2014; FRANK, 2018; MIZAN, 2018; MONTER MÓR, 2019a, 2019b), sob uma análise interpretativa a partir do episódio “queda livre”, na série Black Mirror, correlacionando o que acontece nesse episódio às nossas práticas nas redes sociais. Para isso, organizamos o artigo em três sessões, sendo a primeira a contextualização da série Black Mirror; a segunda discutindo sobre o letramento crítico e as imagens nas redes sociais; a terceira que aborda a Educação linguística e os

letramentos visuais na formação de professores, e por fim algumas de nossas considerações.

A SÉRIE BLACK MIRROR: “QUEDA LIVRE”

Black Mirror é uma série de ficção científica que relata uma crítica sobre a tecnologia por trás das telas e que coloca à tona a sociedade do espetáculo, mostrando o quanto somos escravos dos *status* sociais. Discute sobre a nossa relação com a tecnologia e as regras do capitalismo e as possíveis consequências que diz respeito às relações humanas, o que nos leva a repensar sobre as redes sociais e os aplicativos que fazem parte do nosso cotidiano. A série foi lançada em 2011, na Inglaterra, e comprada pela Netflix em outubro de 2016, ganhando espaço e possibilitando que espectadores de vários lugares do mundo pudessem assistir.¹

A série conta, até o momento, com 22 episódios distribuídos em 5 temporadas. Não é necessário assistir os episódios seguindo uma cronologia, cada um é independente e conta com um enredo diferente, mas que problematiza a relação sociedade e tecnologia. O episódio analisado é intitulado "Queda livre", primeiro episódio da terceira temporada, que tem como protagonista a jovem Lacie, que faz o possível e o impossível para ter aprovação social na comunidade em que está inserida. Na trama, embora ela não pertença a elite, é uma personagem privilegiada: mulher branca, com bom emprego e uma aprovação social considerável. Ela é obcecada pela rede social e constantemente demonstra a sua preocupação com a sua imagem e pela forma como os demais a vê.

O enredo desse episódio retrata um mundo onde todos estão conectados através de implantes oculares a um aplicativo no qual as pessoas classificam em estrelas as suas interações sociais. Por meio deste, é possível, além de avaliar, ter acesso às informações de cada pessoa, sendo que tais avaliações impactam em vantagens como desconto para a compra de um apartamento de luxo, a frequentar determinados espaços, dentre outras. Esse aplicativo se parece muito com alguns que conhecemos e que faz parte do cotidiano

¹ Disponível em: <<https://www.mundofreak.com.br/2016/08/16/resenha-black-mirror-o-assustador-futuro-da-tecnologia/>> Acesso em: 10/12/2021

de grande parte da população, como o Instagram, Facebook e outras redes sociais – neles podemos acessar imagens diversas feitas por seus usuários que nos possibilitarão ler quem são ou o que querem que nós saibamos sobre elas. Podemos ainda traçar um paralelo destes com os aplicativos de serviços tais como *Uber*, *Ifood*, ou outros de vendas que tem a avaliação baseada em cinco estrelas. As estrelas atribuem o valor social de determinado serviço, estabelecimento ou pessoa. O número de estrelas está relacionado, portanto, à aprovação social e quanto maior for, maior será seu *status*, estimulando que as outras pessoas tenham mais interesse de interação, por exemplo.

O aplicativo descrito em “Queda livre” é baseado também por uma avaliação que atribui uma nota de 0 a 5 estrelas para as pessoas, determinando a reputação pessoal de cada indivíduo. Essa avaliação determina a posição social de cada um, seja nos relacionamentos interpessoais, acesso a locais e estabelecimentos, e a autorização de compra e venda, representando assim a questão do capitalismo ao qual estamos inseridos. As pessoas que possuem nota menor do que 3 estrelas são consideradas marginalizadas, ou seja, são excluídas da sociedade e estão fora de diversos contextos sociais, econômicos e políticos.

Educação linguística e os letramentos visuais na formação de professores

No episódio que escolhemos como proposta para refletir sobre a educação linguística e os letramentos visuais, a personagem principal Lacie retrata bem sobre o que é ter uma vida baseada em uma aprovação social: o riso é ensaiado na frente do espelho, as fotos são tiradas com enquadramento perfeito para postar no aplicativo e o comportamento é manipulado, como mostra a figura 1.



Figura 1: *Lacie e suas estrelas*, print realizado pelas autoras. Fonte: 1'01'' do episódio 1, da 3ª temporada <https://www.netflix.com/br/title/70264888> (2022)

Pensar na perspectiva da educação linguística é ver a língua para além de seu aspecto linguístico. Por meio dela é possível acessarmos a diversidade que compõe o mundo, ela amplia as nossas perspectivas e nos possibilita entender que a língua está também relacionada às questões políticas, econômicas, culturais e sociais que envolvem diretamente na construção do “eu” no mundo.

Frank (2018) advoga sobre a relevância da educação linguística crítica,

Independentemente se língua materna ou estrangeira, ao entendermos que toda pessoa já se predispõe à manifestação da língua/linguagem por ocasião do convívio social, aprender e ensinar línguas constituem-se ações que equivalem, por um lado, a processos formais desenvolvidos em ambientes educacionais, mas que obviamente não se restringem a esse espaço e, logo, se estendem ao mundo social. (FRANK, 2018, p.122)

Concordamos com Frank pois entendemos que a língua está para além de conceitos e definições genéricas, ela não se dissocia das nossas práticas de vida. Assim, a educação linguística se constitui para além da aprendizagem de línguas estrangeiras ou maternas e se correlaciona às práticas socioculturais, ao contexto, às vivências e às experiências ao qual o falante está inserido.

A personagem Lacie vive em um mundo de aparências que visa um retorno e aprovação social. Na saga de conseguir mais estrelas ela se perde em sua personagem ensaiada diariamente, vindo à tona a sua real identidade. A simpatia, o sorriso, a gentileza e a bajulação que gerava *likes*, vai caindo conforme suas atitudes no decorrer da história. Surge então a questão das identidades e dos padrões ideais de vida, beleza, trabalho,

pessoas idealizadas e felizes nas redes sociais, traçando então esse paralelo entre a ficção e a meta vida, ao qual os padrões e as verdades que são postadas nas redes se torna algo irreal e inalcançável. Tendo em vista que as avaliações afetam o *status* social e econômico das pessoas, a tentativa de ser uma pessoa “cinco estrelas” cultiva relações superficiais e/ou falsas, como no caso de Lacie que em buscava a admiração de pessoas que tivessem *status* social com altas avaliações e evitava interagir ou ser vista com pessoas cujas avaliações fosse inferiores.

Mizan (2018) respalda sobre a inserção dos letramentos visuais na perspectiva da educação linguística,

[...]pois não só considera a multiplicidade semiótica presente nas diferentes linguagens e formas de texto (verbal, visual, literário, musical e outros), mas também rejeita as dicotomias conceituais entre o acadêmico e o popular, entre a produção cultural do centro e da margem (MIZAN, 2018, p.228).

Assim, os letramentos visuais podem levantar temáticas, e possibilitar reconhecer o que está por trás dos discursos proferidos em nossa sociedade, seja pelos filmes, redes sociais, jornais entre outras mídias. Na perspectiva da educação linguística eles estão para além da semiótica advindas das diferentes linguagens e formas de texto. Ademais, uma educação linguística crítica pretende discutir essa pressão que historicamente as ideologias dominantes do centro vêm sofrendo e essa mudança do olhar que comunidades excluídas vêm pedindo no campo político, social, cultural, linguístico e, por que não, acadêmico (MIZAN, 2018).

Em relação aos letramentos visuais, Ferraz (2014) diz que,

[...] é uma das áreas que propõem uma educação crítica por meio das imagens. Muitos teóricos afirmam que a importância dos estudos visuais está no fato de que as imagens não são meras representações da realidade social (visão linear onde a imagem x significa y), mas que elas constroem significados e, como tal, desempenham um papel crucial em todas as esferas sociais, incluindo os contextos educativos (FERRAZ, 2014, p. 264).

Desta maneira, diante da diversidade que compõe o mundo, é relevante pensarmos em uma formação de professores que vise, sobretudo, estudos pautados nos letramentos visuais na perspectiva da educação linguística. Estamos expostos a uma quantidade imensa de imagens – seja por meio dos vídeos, filmes, animações, ou qualquer outra mídia – que muitas vezes reforçam preconceitos, estereótipos e que preconizam por

uma padronização. Assim, partilhamos do entendimento de Takaki (2012, p.143), no sentido de que "uma educação visual pode e deve oferecer oportunidades para o leitor produzir interpretações que considerem as diferentes perspectivas artísticas, políticas, culturais e sociais".

Monte Mór (2019b) aponta para a necessidade de oportunizar aos estudantes, usuários de imagens-linguagens, espaços para "ressignificar e recriar significados preestabelecidos e de participar mais ativamente na comunicação" (MONTE MÓR, 2019b, p.184), sendo esta proposta uma forma de que os sentidos construídos corroborem com uma educação multimodal e crítica. Assim, é oportuno que essas questões sejam trabalhadas na formação de professores, e conseqüentemente na escola. Para isso, o exercício de ler essas imagens presentes em nosso cotidiano de forma crítica e significativa é relevante tanto para o professor quanto para o aluno, oportunizando problematizar e refletir sobre as imagens que circulam em nossa sociedade. Nesse sentido, trazemos, a seguir, algumas reflexões sobre o letramento crítico e as imagens.

O LETRAMENTO CRÍTICO E AS IMAGENS NAS REDES

No começo, havia a imagem. Para onde quer que nos voltemos, há a imagem. "Por toda a parte do mundo o homem deixou vestígios de suas faculdades imaginativas sob a forma de desenhos, nas pedras, dos tempos mais remotos do paleolítico à época moderna". (JOLY, 2002, p.17)

Para destacar a imagem em nossa sociedade, escolhemos a epígrafe que inicia essa sessão que mostra que desde os tempos mais remotos as imagens compunham nossas faculdades imaginativas. Elas são também uma forma pela qual nos comunicamos e transmitimos informações no mundo, o que nos leva a refletir acerca daquelas que circulam na contemporaneidade e sobre a relevância de uma interpretação crítica, em especial, das que circulam nas redes sociais.

Debord (1967;1994) advoga em seus escritos sobre a "cultura do espetáculo" e explica que na sociedade reina as condições modernas de produção em que se anuncia

uma imensa acumulação de espetáculos, tendo tudo que é vivido como uma representação. Nas redes sociais, parte das relações humanas acontecem por meio de imagens e visam uma aprovação por meio de *likes* e avaliações. A imagem postada nas redes sociais é usada para representar determinada realidade de nossas vidas, no entanto, como no episódio, na nossa sociedade, a imagem que projetamos por meio das nossas postagens nas redes sociais é muitas vezes uma falsa imagem de nós mesmos em busca de aceitação social, expondo gostos, pensamentos, preferências que não necessariamente nos representa, mas para atender as expectativas dos outros.

Estamos expostos a postagens, vídeos e imagens que constroem realidades nem sempre verdadeiras e, que, muitas vezes, reforçam e reproduzem padrões ideais de vida. Ferraz (2019) destaca que as imagens digitais/digitalizadas estão “na moda” e que qualquer pessoa que tenha um aparelho celular pode registrar, criar, manipular imagens/informações/conhecimento. O que acontece no episódio "Queda livre" é a extrema preocupação e a busca das pessoas por passar a imagem perfeita para a sociedade. Para Monte Mor (2019a), essa homogeneidade, ou seja, a concepção de que em uma nação ou grupo todos são iguais, pensam e agem igualmente, pode gerar estereótipos discriminatórios. A partir dessas reflexões vemos a relevância de pensarmos criticamente sobre as imagens que nos são expostas diariamente em nossas relações digitais.

No decorrer do episódio a personagem principal relata uma vida condicionada, ou seja, ela não escolhe suas ações, seu comportamento e suas escolhas são baseadas naquilo que é bem-visto pela sociedade. Não tem uma opinião ou uma visão crítica em relação aos comportamentos que a induz a ser uma pessoa totalmente diferente do que ela seja. Sem um pensamento contra hegemônico, são reforçados os padrões socioculturais e econômicos e, conseqüentemente, os preconceitos e discriminações.

Outro fator retratado no episódio da série Black Mirror é a demonstração de uma sociedade colorida em cores de tons pastéis, que traz aconchego e tranquilidade, remetendo a ideia de uma perfeição real, algo que pode ser relacionado também com os filtros na rede social, em que reforçam um padrão de beleza ideal. Com esta perspectiva em mente, trazemos a figura 2 que ilustra tentar se encaixar nos adoece, essa busca pelo

padrão de beleza que exige, muitas vezes, sacrifícios que comprometem nossa saúde física e mental.

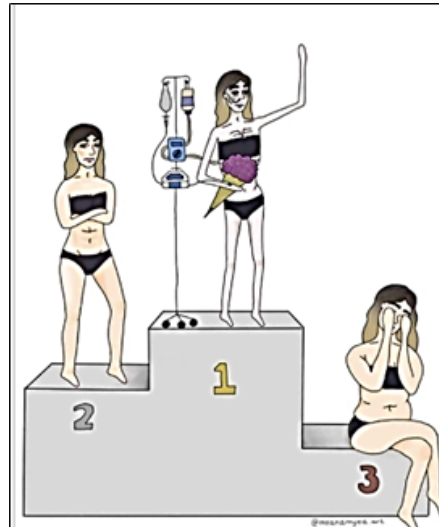


Figura 2: Padrão (?), Facebook Clínica Evoluir Psicologia

<https://www.facebook.com/1232590843556555/photos/pb.100054263630443.-2207520000../1243409052474734/?type=3> (2019)

Bauman (2007) afirma que vivemos vidas líquidas e que estamos constantemente olhando para nós mesmo com olhares de avaliação, crítica e censura e explica que “A vida líquida alimenta a insatisfação do eu consigo mesmo” (BAUMAN, 2007, p.19). Vemos essa preocupação em estar conectado, da exposição da vida privada e da necessidade de ser bem avaliado durante todo o episódio e isso se assemelha a realidade de muitas pessoas em nossa sociedade. Na imagem 3, vemos que embora compartilhem o mesmo espaço físico, as pessoas não estabelecem diálogos entre si, e quanto há interações elas não extrapolam comentários obtidos nessas redes, além do que os comentários são realizados como tentativa de aumentar seu status.



Figura 3: Interações, print realizado pelas autoras. Fonte: 3'20" do episódio 1, da 3ª temporada <https://www.netflix.com/br/title/70264888> (2022)

Na cena da cafeteria, após Lacie receber o seu pedido, ela o fotografa e escreve como legenda “Café camurça com biscoito. Maravilhoso!”. Porém quando finalmente experimenta, sua expressão nos indica que ela não gostou. Esse tipo de comportamento é recorrente, vemos em nossa sociedade muitas pessoas preocupadas em compartilhar o que fazem e o que consomem em busca de popularidade, mas o que compartilham difere da realidade vivida, do que sentem e do que pensam em relação a ela.

Diante das imagens ideais que circulam, sobretudo nas redes, propomos, enquanto professoras de línguas e como pessoas que se relacionam com o digital, a promoção de leituras e diálogos críticos. Para tanto, é relevante que as imagens que reforçam estereótipos, ou seja, que excluem as diversidades e as identidades que nos constituem, sejam problematizadas e repensadas. Os estudos dos letramentos, juntamente a educação linguística, nos ajudam a refletir e pensar sobre as verdades postas e impostas em nosso contexto, questionando visões centradas na universalidade e movimentos singulares, que ditam uma verdade única, em prol do reconhecimento de uma sociedade plural em seu mais amplo aspecto, como de saberes, conhecimento, cultura, raça (FERRAZ; MENDES, 2021).

Duboc e Ferraz (2011), ressaltam que os letramentos são acompanhados de orientação crítica, pautados na reflexão e problematização e no exercício de letramento crítico, independentemente de qual natureza esteja relacionada, sejam verbais ou não verbais, orais ou escritos, impressos ou digitais. Esses autores ressaltam que o,

Letramento crítico configura-se não como método pré-estabelecido, mas como postura diante de um texto com vistas à compreensão dos privilégios e apagamentos nas práticas sociais. Tal orientação, portanto, desafia o status quo educacional refraseando e ressignificando o conceito “original” de alfabetização e toda a homogeneidade e fixidez que este conceito encerra no que se refere ao processo de significação (Duboc; Ferraz, 2011, p. 22).

Nesse contexto, destacamos o quão importante é considerarmos leituras críticas em nossas aulas de línguas com vistas a construção de conhecimento e ao reconhecimento as pluralidades socioculturais dos indivíduos que produzem e leem imagens. A leitura de imagens, principalmente das que temos contato em nosso cotidiano, e que geralmente são estereotipadas, reforçam um ideal de algo irreal e inalcançável, portanto, propomos a expansão de perspectivas para oportunizar que as imagens possam ser lidas criticamente e provoquem reflexões como: Qual o contexto da imagem? Que realidade ela representa? Quem ela representa? Há outras realidades possíveis? Quem a produziu? Qual o propósito da imagem? Qual a sua postura nas redes sociais? Você posta a realidade vivida ou inventada? Por quê?

O episódio “Queda livre” na série Black Mirror nos oportuniza repensar sobre a busca pela aprovação social nas redes e o poder que isso tem em nossas vidas. No episódio, após sucessivas adversidades e com sua classificação diminuída para 2.8, Lacie pega carona com Susan, uma caminhoneira 1.4, na tentativa de chegar a tempo a um casamento. No entanto, embora viva à margem da sociedade, Susan não se importa com classificações e explica ter optado por uma vida sincera e livre. Ela explica a Lacie que já pensou como ela e se esforçou para ser bem avaliada, que era 4.6 e que vivia para isso, mas percebeu o quanto esse sistema é injusto e excludente quando que seu marido teve câncer no pâncreas e não recebeu o tratamento, que era muito caro e exclusivo, e, embora tenha feito todos os esforços para seu lugar no tratamento foi ocupado por alguém com melhor avaliação. Ou seja, a prioridade não estava relacionada à saúde, mas ao fato de seu marido não atender às expectativas sociais, do padrão de perfeição. Isso fez com que Susan passasse a viver de acordo com suas próprias expectativas, dizendo e fazendo não que as pessoas queriam, mas o que ela queria. Ela explica que as pessoas não gostam da sinceridade, o que justifica sua nota atual, porém acrescenta que foi muito bom poder se livrar de toda falsidade, que foi como “tirar os sapatos apertados”. Apesar

dos conselhos, Lacie não se via preparada para tirar os seus sapatos e se libertar das expectativas alheias, como mostra a figura 4:



Figura 4: Sapatos apertados, print realizado pelas autoras. Fonte: 41'40" do episódio 1, da 3ª temporada. <https://www.netflix.com/br/title/70264888> (2022)

A busca por seguidores e *likes* escraviza seus usuários e os insere na corrida pelos *status* sociais. As pessoas na série tentam passar a imagem correta e gentis umas com as outras, no entanto, trata-se algo forçado e treinado, pois isso tudo está relacionado em melhorar a sua própria imagem e conseguir mais estrelas no aplicativo. Lacie, no final do episódio é presa após proferir seu discurso ensaiado, mas com alguns sentimentos e palavrões no casamento, e, ainda, vestindo trajes rasgados, suja e despenteada. Com isso, sua nota cai até chegar a 0.0. Na prisão, lhe são retirados a lente digital e o celular e assim, ela consegue se libertar desse condicionamento de viver em prol das exigências sociais e de agir e interagir em busca de aprovação, podendo finalmente ser e dizer o que ela quer. Assim, ela tira os sapatos apertados e discute com outro prisioneiro, em uma situação em que ambos podem dizer o que pensam sem medo de julgamentos, da exposição, sem preocupar-se com a popularidade, sem falsas gentilezas:



Figura 5: Tirando os sapatos, print realizado pela autora. Fonte: 60'21" do episódio 1, da 3ª temporada. <https://www.netflix.com/br/title/70264888> (2022)

O episódio nos propicia reflexões sobre a importância de se problematizar nos espaços educacionais, sobretudo sobre a formação de professores, o digital, as redes, as mídias, as diversidades e as pluralizações para que possamos ler as imagens de forma crítica e reflexiva. O professor pode auxiliar nesse processo de problematização e reflexão sobre o que está por trás das telas, e para além delas. Para isso, pode-se propiciar espaços para que os alunos possam repensar a imagem de si, as representações sociais, as relações de poder e a percussão de conceitos estereotipados que promovem um determinado padrão e exclui tudo aquilo que não se encaixa no ideal.

VAMOS TIRAR NOSSOS SAPATOS?

Este texto buscou trazer reflexões acerca da relevância de refletir e problematizar as imagens presentes em nosso cotidiano, principalmente as que circulam nas redes sociais, que muitas vezes são carregadas de estereótipos e reproduzem marcas advindas de um sistema colonial. Segundo Mota Neto (2018), a colonialidade é um padrão de poder que permaneceu mesmo após o fim da situação colonial e que entre suas consequências estão o racismo, a desigualdade, a fome e o machismo, ou seja, formas de opressão, que exclui tudo aquilo que não se encaixa no padrão ideal (MOTA NETO, 2018, p.5).

Na série, como muitas vezes acontece também na nossa realidade, a felicidade e aprovação da sociedade, são baseadas no engajamento e no que mostramos nas redes

sociais. Desta maneira, diante da problematização realizada nesse estudo, foi possível perceber que tal construção de padrões, com vistas à perfeição, perpassa diariamente nas nossas telas. Ademais, muitas das vezes, esse não reconhecimento das diversidades, e que discrimina, reforça e/ou produz uma felicidade estendida nas redes sociais, é algo que passa geralmente despercebido pelas lentes humanas. Deste modo, fizemos uma correlação entre o que acontece nas redes sociais de muitos de nós usuários com o que se passa no episódio “Queda livre”, da série Black Mirror. Destacamos que o episódio trata uma projeção de uma realidade “aumentada” e faz críticas aos padrões de felicidade e à vida perfeita reforçados pelas redes.

Lacie representa muitas pessoas da nossa sociedade, que buscam por aprovação social, e que expõe uma realidade cheia de falsa felicidade, uma vida perfeita, mas com um padrão de perfeição impregnado de verdades absolutas e de discursos validados pela homogeneidade. As imagens validadas, nesse contexto, também são aquelas que se encaixam nesse padrão. Como professores de línguas, é imprescindível propiciar espaços para que as diversidades possam contar suas histórias. O episódio nos oportuniza refletir sobre essas redes e como podemos (re)configurá-las de modo a remover esses filtros, mostrar nossa humanidade, nossas verdades livres da opressão.

Esse artigo é um convite para que professores e professoras possam retirar os sapatos e expandir perspectivas (re)pensando suas propostas considerando as possibilidades dos letramentos visuais na perspectiva da educação linguística e assim, conseqüentemente, expandir visões não limitadas, que considerem sobretudo a diversidade que compõe o mundo. Rose (2007, p.15) explica que “há diferentes maneiras de ver o mundo, e a tarefa crítica é diferenciar os efeitos sociais dessas diferentes visões”². Assim, ao incentivar nossos alunos a lerem imagens a partir de suas práticas socioculturais, experiências e leituras de mundo nos oportuniza trabalhar a linguagem criticamente a partir das diversidades interpretativas e das associações com as diferentes realidades. “Queda livre” é uma oportunidade, dentre tantas outras, de ler imagens e repensar criticamente sobre as mídias, o digital, a cultura, a sociedade.

² No original: “there are different ways of seeing the world, and the critical task is to differentiate between the social effects of those different visions”.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Michely Gomes. FREITAS, Carla Conti de. (Re)pensando as práticas de linguagem em tempos digitais. In: FREITAS, Carla Conti de. BROSSI, Giuliana Castro. ROSA-DA-SILVA, Valéria. (Org.) **Políticas e formação de professores/as de línguas: o que é ser professor/a hoje?** Anápolis: Editora UEG, 2020. p.59-68.

BAUMAN, Zigman. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

DUBOC, Ana Paula; FERRAZ, Daniel de Melo. **Letramentos críticos e formação de professores de inglês: currículos e perspectivas em expansão**. Revista X [online], 2011, v. 1, n. 1, p. 33- 47, 2011. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/23056/16914>. Acesso em: 27 Nov. 2021.

DEBORD, Guy. **The Society of the Spectacle**. Translate: Nicholson-Smith, D. New York: Zone Books, 1967/1994.

FRANK, Hélvio. Língua/linguagem e vida em ressignificação pela educação crítica. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane.; MONTE MÓR, Walkyria. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitárias/os de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. <https://materiais.parabolaeditorial.com.br/ebookperspectivas>

FERRAZ, Daniel de Mello; SOARES DE PAULA MENDES, Maria Cecília. Filosofias da linguagem pós-estruturalistas e decolonialidades: contribuições para a formação docente? **Revista Odisseia**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 107–126, 2021. <https://doi.org/10.21680/1983-2435.2021v6n2ID23227>

FERRAZ, Daniel de Mello. O que podemos (des)aprender com as imagens contemporâneas?: a cultura visual e remix. **Revista PUB Diálogos Interdisciplinares**, São Paulo, p.1-5, 03 set.2019. Disponível em <https://www.revista-pub.org/post/03092019> Acesso em: 03/10/2021.

FERRAZ, Daniel de Mello. Letramento visual: as imagens e as aulas de inglês In: TAKAKI, Nara; MACIEL, Ruberval. **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas: Pontes Editores, 2014, p.255-270.

JOLY, Martine. **A imagem e sua interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2002.

MIZAN, Souza. A linguagem visual e suas contribuições nas perspectivas críticas da educação linguística. In: PESSOA, Rosane Rocha; SILVESTRE, Viviane Pires Viana; MONTE

MÓR, Walkyria (org.). **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitária/ os de inglês.** São Paulo: Pá de Palavra, 2018.

MOTA NETO, João Colares da. Paulo Freire e Orlando Fals Borda na genealogia da pedagogia decolonial latino-americana. **Folios**, n. 48, p. 3-13, 2018. <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/RF/article/view/8131>

MONTE MÓR, Walkyria. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. In: JORDÃO, Clarissa Menezes; MARTINEZ, Juliana Zeggio. MONTE MÓR, Walkyria (orgs.). **Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês.** Campinas, SP: Pontes editores, 2019a.

MONTE MÓR, Walkyria. Lendo Dogville no Brasil: imagem, linguagem e letramento crítico. In: FERRAZ, Daniel; TOMAZI, Micheline Mattedi; ROCHA, Lúcia Helena Peyroton de. **Estudos linguísticos: perspectivas interdisciplinares.** Vitória, ES: EDUFES, 2019b. p.167-186

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies.** Sage Publications, London, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2017.

TAKAKI, Nara. Letramento crítico e linguagem visual na interação com hiperleitores. In: **Letramentos na sociedade digital: navegar é e não é preciso,** 2012

Carla Conti de Freitas, fez a revisão especializada deste artigo. Formação Letras Português/Inglês. E-mail: carla.freitas@ueg.br

Recebido em:27/02/2023
Parecer em: 03/06/2023
Aprovado em:02/08/2023